

**CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS TREINADORES DE FUTSAL FEMININO DE EQUIPES QUE DISPUTAM OS JOGOS ABERTOS DE PELOTAS**

Laís de Freitas Vargas<sup>1</sup>  
Eduardo Lucia Caputo<sup>1</sup>  
Marcelo Cozzensa da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO**

O futsal é uma das modalidades esportivas que vem ganhando, mundialmente, ascensão no número de praticantes. Entre os grupos em que a prática cresceu nas últimas décadas, o sexo feminino apresenta-se em destaque. Entretanto, o crescimento da prática apresenta íntima relação com o ensino e evolução dos elementos técnico/táticos do mesmo. Nesse contexto, o treinador é figura indispensável pela preparação dessas praticantes. O objetivo do presente estudo foi caracterizar o perfil dos treinadores de futsal feminino de equipes que disputaram os jogos abertos de Pelotas. O estudo caracterizou-se por ser observacional descritivo. Utilizou-se para a coleta de dados um questionário semiestruturado e pré-codificado com perguntas sociodemográficas e relacionadas as questões de treinamento do futsal. Foram entrevistados todos os treinadores que disputaram os jogos abertos de Pelotas no ano de 2015. A média de idade dos treinadores foi de 32,7 anos, sendo que quase a totalidade era do sexo masculino. Os treinadores, em sua maioria, eram ex-atletas, 44 % eram graduados em Educação Física e utilizavam como meio mais frequente de atualização a visualização de jogos de competições importantes do desporto. As principais dificuldades citadas para trabalhar com o futsal feminino foram a falta de apoio financeiro, patrocínios, equipes de categoria de base, o preconceito das famílias e poucas competições. Com relação aos treinos ministrados, os treinadores preferiam focá-los na parte tática do jogo e nos aspectos técnicos da modalidade. Sugere-se que mais estudos sejam conduzidos entre treinadores que trabalham com esse desporto entre mulheres.

**Palavras-chave:** Esporte. Futsal. Treinador. Perfil.

1-Universidade Federal de Pelotas-ESEF, Rio Grande do Sul, Brasil.

**ABSTRACT**

Characterization of female futsal coaches profile of teams who dispose of open ball games

Futsal is one of the sports that has gained worldwide, rise in the number of practitioners. Among the groups where the practice has grown in recent decades, the female presents highlighted. However, the growth of the practice presents a close relationship with education and development of technical / tactical of the same elements. In this context, the coach is indispensable individual for the preparation of these practitioners. The aim of this study was to characterize the profile of women's futsal coaches of teams that competed in the Pelotas open games. The study was characterized as being descriptive observational. It was used for data collection a semi-structured questionnaire, pre-coded with sociodemographic questions and the related futsal training issues. They interviewed all the coaches who competed open game Pelotas in 2015. The average age of managers was 32.7 years, and almost all were men. Coaches, for the most part were former athletes, 44% were graduates in Physical Education and used as the most frequent means of updating the display of important sport competitions games. The main difficulties cited for working with women's futsal were lack of financial support, sponsorship, base category teams, prejudice of families and a few competitions. Regarding the given training, the coaches preferred to focus them on the tactical part of the game and the technical aspects of the sport. It is suggested that further studies be conducted among coaches working with this sport among women.

**Key words:** Sports. Futsal. Coach. Profile.

## INTRODUÇÃO

Atualmente o futsal é uma modalidade esportiva em grande ascensão em número de praticantes mundialmente. No Brasil, a modalidade popularizou-se nos últimos anos, sendo considerado uma das modalidades esportivas com maior número de adeptos (Maria, Almeida, Arruda, 2009).

O grande número de conquistas brasileiras nesta modalidade, seja pela seleção (maior detentor de títulos mundiais) ou por grandes equipes do país, proporciona uma maior visibilidade ao esporte, fazendo com que mais pessoas passem a assistir, praticar e a desenvolver a modalidade.

Apesar disso, a inserção da mulher brasileira nos esportes coletivos, entre eles o futsal, não se deu de maneira fácil. Tal inserção foi sendo conquistada de modalidade em modalidade, através de reivindicações e lutas por direitos iguais aos dos homens (Oliveira, Sherem, Tubino, 2008).

Especificamente no futsal, sua participação efetiva só aconteceu após 1983, quando houve a revogação da lei do Conselho Nacional de Desportos que impedia as mulheres de participarem de algumas modalidades esportivas. A partir desta data, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) autorizou a prática do futsal feminino, o que resultou no imediato surgimento de campeonatos em vários Estados do Brasil (Sanches, Borim, 2010).

O desenvolvimento do futsal perpassa indiscutivelmente pelas pessoas que diariamente trabalham com esse esporte, independentemente do sexo ou idade dos praticantes. Dentre esses indivíduos, o treinador é a peça chave da equipe. A ele é delegada a função pela preparação de atletas e equipes, a condução das mesmas, a organização e planejamento do processo de treino e de competição (Talamoni, 2013).

Segundo Balbino (2005), para ser técnico não basta apenas conhecimento teórico, prático e metodológico para desenvolver as potencialidades dos atletas. É necessário acompanhar as evoluções dos conhecimentos e das aplicações das ciências ao meio esportivo.

Essas múltiplas competências que devem ser desenvolvidas no processo de treinamento, abrangem as dimensões do físico, mental, emocional, social, sendo estas

de domínio corporal cinestésico, verbal linguística, lógico, espacial, intrapessoal e interpessoal (Balbino, 2005).

Estes profissionais necessitam constantes atualizações científicas, sua formação precisa ser permanente de forma a complementar a formação inicial, enquanto o mesmo atuar com o esporte (Terroso, Pinheiro, 2010).

Ser treinador é uma profissão complexa, pois existem pessoas com formações e perfis muito diferentes. Analisar o perfil daqueles que atuam com o futsal feminino poderá esclarecer sobre como estes atuam com a modalidade.

A verificação de se os mesmos estão aptos a trabalharem com atletas de futsal feminino, se possuem uma formação qualificada para formar atletas, quais métodos utilizam para as diversas questões que o esporte e o treinamento de alto rendimento impõem e se os mesmos buscam formação, qualificação e atualização profissional para aperfeiçoarem suas práticas é ponto crucial para a melhor compreensão do futsal feminino.

Nesse contexto, o objetivo do presente estudo foi identificar o perfil dos treinadores de futsal feminino de equipes que disputaram os jogos abertos de Pelotas no ano de 2015.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo caracterizou-se como sendo do tipo observacional descritivo. A amostra foi composta por todos os treinadores (n =9) de equipes femininas que disputaram os jogos abertos de Pelotas no ano de 2015.

O instrumento de coleta de dados utilizou um questionário semiestruturado, com questões objetivas abertas e fechadas. O questionário continha questões sociodemográficas - sexo (masculino, feminino), idade (anos completos), cor da pele (observada pelo entrevistado), situação conjugal (casado/vive com companheiro, solteiro); comportamentais - tabagismo (fumante, não fumante), consumo de álcool (alcoolismo não e sim), nível de atividade física (domínios de lazer) (Craig e colaboradores, 2003) e nutricional - índice de massa corporal (IMC) (calculado pelo peso (kg) referido, dividido pela altura (cm) referida elevada ao quadrado).

Perguntas referentes a categorias que treinam, formação acadêmica, meio de

atualização, métodos de treinamento e perspectivas futuras também fizeram parte do questionário geral e foram criadas pelos pesquisadores. Tais perguntas foram avaliadas por dois peritos na área de futsal e futebol com intuito de verificar sua validade e entendimento.

Nas datas combinadas previamente com os treinadores, uma entrevistadora do sexo feminino, treinada, realizou a entrega do questionário e esperou o mesmo ser preenchido e devolvido. A mesma auxiliou o respondente em caso de qualquer dúvida.

Os técnicos que responderam o questionário via internet tiveram a oportunidade de tirar qualquer dúvida de preenchimento via on-line (e-mail, whatsapp, Skype, facebook) e o reenviaram a entrevistadora através de e-mail.

Após o término da coleta os questionários foram codificados e, em seguida, digitados em banco de dados criado no programa Excel 2013.

Os dados foram analisados no pacote estatístico Stata 13.0. O plano de análise consistiu de uma análise descritiva de todas as variáveis coletadas, com cálculos de medida de tendência central e dispersão para os dados numéricos e proporções para os dados categóricos.

Este estudo foi conduzido dentro dos padrões éticos exigidos pela declaração de Helsinque de 1964 e de acordo com a resolução 196/96 do Ministério da Saúde, garantindo aos participantes o direito a confidencialidade das informações e recusa de continuidade de participação do mesmo, entre outros pontos. O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, sob número de protocolo 51340815.5.0000.5313.

## RESULTADOS

Foram entrevistados nove treinadores nos Jogos Abertos de futsal no naípe feminino, os quais apresentaram média de idade de  $32,7 \pm 10,1$  anos.

A média de peso, altura e Índice de Massa Corporal dos treinadores foi de, respectivamente,  $81,4 \pm 11,5$  kg,  $1,73 \pm 0,7$  m e  $27,4 \pm 5,0$  Kg/m<sup>2</sup>.

Quase a totalidade dos entrevistados era do sexo masculino (n= 7), de cor da pele

branca (n=8) e, em sua maioria, casados (n=4).

Em relação a questões de comportamento, oito, dos nove dos técnicos, nunca fumaram, cinco relataram consumir até uma dose de álcool por semana e seis realizam, pelo menos, 150 minutos ou mais de atividade física por semana (média = 292,2 minutos/ semana; mediana = 180 minutos/ semana) (Tabela 1).

As médias de tempo na qual trabalham como técnico de futsal e, especificamente, com futsal feminino foram muito parecidas, sendo, respectivamente de  $4,4 \pm 3,9$  anos e  $4,3 \pm 3,8$  anos.

Na tabela 2 foi possível verificar que somente quatro treinadores eram formados em Educação Física, sendo que, destes, três possuíam mais de 10 anos de formado.

As principais formas de ligação dos técnicos com o futsal se deram pelos motivos de gostarem da modalidade (n=7) e serem ex-atletas do desporto (n=7).

As maneiras mais citadas como métodos utilizados para atualização no futsal foram assistir jogos de competições importantes de futsal (n=9), leituras sobre a modalidade (n=5) e pesquisas na internet (n = 3).

Pode-se identificar na tabela 3 que 100,00% dos técnicos atuavam na categoria de futsal feminino adulta e, no futsal masculino, atuavam tanto na categoria sub-15/sub-17 (n=6).

As equipes femininas competiam em torneios de menor importância e/ou jogos escolares (n=6) e apenas duas delas disputavam jogos pela Federação Gaúcha de Futsal Feminino.

Os treinadores preferiam focar seus treinos na parte tática do jogo (n=6) e nos aspectos técnicos da modalidade (n=5).

Os treinamentos ocorriam, em sua maioria, apenas uma vez na semana (n=6), assim como os treinos táticos (n=6). Os treinadores tinham o pensamento que uma boa atleta era aquela disciplinada taticamente (n=8), com boa visão de jogo (n=8), inteligente (n=7) e habilidosa (n=6). Quando questionados sobre o número de componentes de sua comissão técnica, sete treinadores disseram ser compostas por até duas pessoas.

O mesmo número de entrevistados relatou pretender continuar trabalhando como

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

treinador de equipes femininas de futsal  
(Tabela 3).

**Tabela 1** - Características sociodemográficas e comportamentais dos treinadores de futsal feminino.

Variáveis	n (%)
<b>Cor da pele</b>	
Branco (a)	8 (88,9)
Preto (a)	1 (11,1)
<b>Sexo</b>	
Masculino	7 (77,8)
Feminino	2 (22,2)
<b>Situação conjugal</b>	
Solteiro (a)	3 (33,3)
Casado (a)	4 (44,5)
Separado (a)	2 (22,2)
<b>Auto percepção de saúde</b>	
Excelente/Muito boa	4 (44,5)
Boa/Regular	5 (55,5)
<b>Fumo</b>	
Nunca fumei	8 (88,9)
Parei a mais de um mês	1 (11,1)
<b>Doses de álcool (semana)</b>	
até uma dose	5 (71,4)
mais de uma dose	2 (28,6)
<b>Tempo de atividade física na semana</b>	
Menos 150 minutos	3 (33,3)
Igual ou superior a 150 minutos	6 (66,7)

**Tabela 2** - Características da formação acadêmica e atualização sobre futsal dos treinadores de futsal feminino.

Variáveis	n (%)
<b>Tempo de formado em Educação Física</b>	
Não é formado em Educação Física	5 (55,6)
1 a 5 anos de formado	1 (11,1)
Mais de 10 anos de formado	3 (33,3)
<b>Possui outra graduação</b>	
Não	6 (66,7)
Sim	3 (33,3)
<b>Ligação com o futsal*</b>	
Especialização na modalidade	2 (22,0)
Por gostar da modalidade	7 (77,8)
Ex-atleta da modalidade	7 (77,8)
Ocorreu por acaso/outra	6 (67,7)
<b>Como se dá a atualização profissional sobre futsal*</b>	
Leituras sobre a modalidade	5 (55,6)
Participar de cursos de extensão ou simpósio	1 (11,1)
Assistir jogos de competições importantes de futsal	9 (100,0)
Outras	3 (33,3)

**Legenda:** \* O somatório das categorias não fecha 100% pois era permitida aos respondentes múltiplas escolhas.

**Tabela 3 - Caracterização profissional e metodológica como treinador.**

<b>Variáveis</b>	<b>n (%)</b>
<b>Categoria que trabalha como técnico de futsal feminino*</b>	
sub-15/sub-17	2 (22,22)
sub-20	3 (33,33)
Adulta	9 (100,00)
<b>Categoria que trabalha como técnico de futsal masculino*</b>	
sub-15/sub-17	6 (66,67)
sub-20/Adulto	5 (55,55)
<b>Âmbito competitivo das equipes femininas*</b>	
Ligas regionais ou associações	4 (44,44)
Somente festivais esportivos	1 (11,11)
Federação	2 (22,22)
Jogos escolares / acadêmicos	6 (66,67)
Torneios de menor importância (competições de 1 dia apenas)	8 (88,89)
<b>Nos treinos aplicados a sua equipe, o que mais procura focar*:</b>	
Preparação física	4 (44,44)
Fundamentos técnicos da modalidade	5 (55,56)
Tática de jogo	6 (66,67)
Dou mais importância ao coletivo	2 (22,22)
Jogos para desenvolver a inteligência tática	4 (44,44)
<b>Número de treinos realizados por semana</b>	
1 treino por semana	4 (44,44)
2 treinos por semana ou mais	5 (55,55)
<b>Quantos destes treinos são táticos / técnicos</b>	
1 treino por semana	6 (66,67)
2 treinos por semana ou mais	3 (33,33)
<b>Quantos destes são de preparação física</b>	
1 treino por semana	2 (22,22)
2 treinos por semana	3 (33,33)
<b>Preparação física realizada fora do horário do treinamento de quadra</b>	
Não	6 (66,67)
Sim	3 (33,33)
<b>Tipo de treino realizado fora do horário de treinamento*</b>	
Musculação	5 (55,56)
Cardiorrespiratório	4 (44,44)
Flexibilidade	1 (11,11)
Outros	2 (22,22)
<b>Conhecimentos e ou métodos utilizados no treinamento aprendidos quando atleta</b>	
Não	2 (22,22)
Sim	7 (77,78)
<b>Conhece os jogos condicionantes da modalidade</b>	
Não	5 (55,56)
Sim	4 (44,44)
<b>Considera boa jogadora aquela que é*:</b>	
Habilidosa	6 (66,67)
Inteligente	7 (77,78)
Forte	1 (11,11)
Veloz	3 (33,33)
Disciplinada taticamente	8 (88,89)
Com boa visão de jogo	8 (88,89)
Líder dentro de quadra	3 (33,33)
<b>Número de componentes da comissão técnica</b>	
Até dois	7 (77,78)
Mais de dois	2 (22,22)
<b>Pretende continuar como treinador da equipe feminina</b>	
Não	2 (22,22)
Sim	7 (77,78)

**Legenda:** \* O somatório das categorias não fecha 100% pois era permitida aos respondentes múltiplas escolhas.

**DISCUSSÃO**

A média de idade encontrada em nosso estudo foi de  $32,7 \pm 10,1$  anos. Em estudo com treinadores de goleiro (Rigotti, 2006) observou que a maior parte da amostra se encontrava em uma faixa etária entre 20 e 40 anos.

De forma semelhante, Costa (2005) encontrou média de idade de 35,9 anos, em treinadores e dirigentes, corroborando com nossos achados. Com relação a cor da pele, os resultados do estudo seguem o padrão de distribuição da região, onde mais de 80,0% das pessoas são de cor da pele branca.

No Brasil, a representação de mulheres como treinadoras de esportes coletivos ou individuais é de apenas 7% do total de técnicos. O domínio masculino, a aceitação de pais e atletas, o preconceito, o conflito entre a vida pessoal e profissional, o estereótipo de homossexualidade, a desistência da carreira e a baixa remuneração estão entre as principais barreiras encontradas pelas mulheres para assumir o comando de uma equipe (Ferreira e colaboradores, 2013), o que pode explicar a baixa frequência de mulheres treinadoras no presente estudo (22,22%).

De forma contrária, no voleibol há maior cultura de aceitação da prática pelas mulheres e tendência maior em encontrá-las no comando de equipes (Resende, Mesquita, Romero, 2007).

O tempo como técnico de futsal feminino apresentou uma média de 4,3 anos, inferior a encontrada por Costa (2005) com treinadores profissionais de futebol (média superior a sete anos).

De acordo com Abraham, Collins, Martindale (2006), para o treinador ser considerado experiente o mesmo precisa exercer a profissão por pelo menos 10 anos. A atuação dos clubes na região ocorre de forma amadora e a menos de uma década, o que reflete no tempo de experiência profissional por parte dos treinadores.

Quando questionados sobre quais são os principais desafios a serem enfrentados por quem trabalha com o futsal feminino, os técnicos relataram, entre outros, a falta de apoio financeiro, patrocínios para dar continuidade aos trabalhos realizados, investimentos em categorias de base e poucas

competições de futsal feminino. Como as atletas e os treinadores não são devidamente remunerados (ou não são remunerados) há certa dificuldade em conciliar treinos, jogos, vida pessoal e trabalho.

Segundo Astarita (2009) em estudo realizado com atletas universitárias de futsal, a família e as escolinhas de futsal tiveram papel fundamental na prática do mesmo. Apesar disso, as mesmas destacaram a falta de competições da categoria feminina como uma grande dificuldade para evolução no desporto (Astarita, 2009), o que corrobora, em parte, com nossos achados.

Apenas quatro dos treinadores avaliados possuíam formação em Educação Física. Costa (2005) relata em seu estudo que 66,0% dos treinadores avaliados possuíam curso superior. Essa diferença pode se dar em virtude do âmbito no qual o estudo foi realizado, tendo em vista que o estudo citado foi realizado com treinadores de futebol profissional, onde uma maior formação muitas vezes é pré-requisito para dirigir grandes equipes.

Os treinadores pertencentes a nossa amostra atua no âmbito amador. As equipes que disputam o campeonato Estadual da Federação Gaúcha de Futebol de salão (FGFS) necessitam de profissionais registrados no Conselho Regional de Educação Física (CREF) para poderem participar da competição.

Em competições não oficiais como jogos escolares, festivos, torneios de menor importância não há nenhum tipo de fiscalização ou preocupação em verificar se os treinadores são formados. Em algumas competições de menor importância, um atleta da equipe pode assumir a função de treinador, acumulando também as outras funções relativas à comissão técnica. Isto acaba dificultando o crescimento do futsal feminino.

Atualmente, existe uma maior preocupação do meio esportivo para que os treinadores possuam uma formação adequada (Costa, 2005). O técnico é um agente de práticas que envolvem não somente os aspectos e exigências físicas e biológicas do atleta, mas também suas capacidades intelectuais e volitivas, através de desafios constantes (Balbino, 2005).

Para serem efetivos nas suas atividades, estes profissionais precisam

possuir uma série de competências, as quais são adquiridas através dos cursos de formação profissional para treinadores ou da experiência profissional na área (Cunha e colaboradores, 2010).

O gosto pela modalidade e o fato de serem ex-atletas foi fundamental para a ligação com o futsal. Estes dados são corroborados por alguns estudos (Marturelli Junior, 2002; Costa, Samulski, Marques, 2006), os quais demonstraram que a maioria dos treinadores de clubes da primeira divisão nacional e estadual foram jogadores profissionais e muitos não possuíam formação específica para suas funções. Porém, ter atuado como jogador profissional valorizou os jogadores no mercado de trabalho, proporcionando a inserção de ex-atletas como técnicos nos clubes (Talamoni, 2013).

No estudo de Costa (2005), 91,0% dos treinadores possuía passado como atleta de futebol. Quanto maior o tempo como atleta, maior será a dependência do meio esportivo e maior a propensão a tornar-se treinador após o término da carreira, em virtude da dificuldade de afastamento do esporte (Fernandes e colaboradores, 2013; Resende, Mesquita, Romero, 2007).

Entretanto ter sido jogador ou atleta da modalidade não o qualifica para desempenhar a função de treinador. Apenas reproduzir o que foi feito não garante eficiência no desempenho desta função, pois há exigência de atualização constante na área (Costa, 2005).

A atualização profissional se deu através de visualização de jogos de competições importantes, vídeos na internet, leituras e trocas de informação com outros profissionais.

Ao estudar treinadores de Hóquei no gelo Wright, Trudel, Culver, (2007) descreveram que estes aprendem por diferentes situações, entre elas: programas formais de formação de treinadores, cursos / seminários, interação com mentores, livros, vídeo, experiências pessoais relacionadas com o desporto, família e trabalho, interações e observações de outros profissionais da área e pesquisas na Internet.

De acordo com os autores, esses tipos de aprendizados são considerados informais, adquiridos através da experiência profissional que ocorrem no dia-a-dia. Os mesmos autores salientam que a pesquisa na internet fornece

acesso a uma gama imensa de informações, proporcionando maior liberdade para aprender ativamente sem precisar estar em uma sala de aula. Apesar disso, sustentam que a aprendizagem deve ser adquirida através de processos formais e informais.

Os técnicos responderam sobre a composição das comissões técnicas das equipes de futsal feminino, sendo que a maioria das equipes tem apenas um integrante na comissão técnica. Por serem equipes amadoras, com poucos recursos financeiros disponíveis os técnicos, em sua maioria, acumulam múltiplas funções.

De acordo com Balbino (2005) a comissão técnica deve possuir características multi e interdisciplinar para atender às exigências do esporte cada vez mais, intenso, competitivo e em constante evolução. Nesse sentido, os técnicos necessitam de auxílio de profissionais de diversas áreas do conhecimento para aperfeiçoar o desempenho dos atletas.

Os treinadores reconhecem a importância do auxiliar técnico em seu trabalho, ficando a cargo do treinador apenas o aprimoramento das qualidades técnicas e táticas da equipe, bem como o preparo específico para possíveis situações de jogos a serem enfrentadas (Marturelli Junior, 2002).

Os treinadores preferiram focar seus treinos na parte tática do jogo e nos aspectos técnicos da modalidade, dos quatro treinadores formados em Educação Física apenas três preferem focar seus treinos na parte tática e nos aspectos técnicos da modalidade. Estes achados corroboram com o estudo de Costa (2005) no qual os treinadores valorizavam diversas competências necessárias ao desempenho da função, sendo que a mais valorizada foi o conhecimento técnico-tático da modalidade.

De acordo com Resende, Mesquita, Romero (2007) há muita necessidade de conhecimento nos aspectos técnicos e táticos da modalidade, pois embora o treinador seja um bom gestor, ele só alcançará o sucesso como treinador, se o mesmo souber efetivamente ensinar os conteúdos específicos da modalidade.

Alguns pontos devem ser enfatizados no presente estudo. Este é um dos primeiros estudos a investigar o perfil dos treinadores de futsal feminino.

# Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

O delineamento utilizado e a cuidadosa coleta de dados são pontos importantes a serem enfatizados. Uma limitação do nosso estudo foi uma amostra pequena e de nível regional.

## CONCLUSÃO

Podemos verificar que o perfil dos treinadores de futsal feminino que disputaram os jogos abertos de Pelotas é de predominância masculina, com experiência média de 4,4 anos com treinamento para mulheres e que iniciaram a carreira para manterem-se próximos da modalidade.

Foi identificado que menos da metade dos treinadores possuem formação em Educação física, demonstrando a importância da formação e qualificação de qualidade aliando assim a experiência prática ao conhecimento científico.

Em sua maioria eram ex-atletas e todos os treinadores consideram as principais dificuldades para trabalhar com o futsal feminino a falta de apoio financeiro, patrocínios, equipes com categoria de base, o preconceito nas famílias e as poucas competições.

A temática é de grande importância visto o crescimento no número de praticantes e necessitando maiores investigações no País.

Sugerimos que mais estudos sejam conduzidos entre clubes, dirigentes, entidades relacionadas ao desporto e principalmente os treinadores, em especial de equipes de futsal feminino, dos quais ainda pouco se sabe sobre seu perfil, métodos de atuação e atualização, questões relacionadas ao esporte a que proporcione subsídio para o desenvolvimento, compreensão e visibilidade do mesmo.

Tais informações servirão de base para desenvolvimento desse esporte que a cada dia ganha mais adeptos entre as mulheres.

## REFERÊNCIAS

1-Abraham, A.; Collins, D.; Martindale, R. The coaching schematic: Validation through expert coach consensus, *Journal of Sports Sciences*. Vol. 24. Núm. 6. 2006. p. 549-564.

2-Astarita, A. P. Incentivos e dificuldades vivenciados por atletas do futsal feminino

universitário. TCC. UFRGS. Porto Alegre. 2009.

3-Balbino, H. F. *Pedagogia do treinamento: método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos*. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas. 2005.

4-Costa, J. P. *A formação do treinador de futebol: Análise de competências, Modelos e Necessidades de Formação*. Dissertação de Mestrado. UTL. Lisboa. 2005.

5-Costa, I. D.; Samulski, D. M.; Marques, M. P. Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do campeonato mineiro de 2005. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Vol. 14 Núm. 3. 2006. p. 55-62.

6-Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-feminino>> Acesso em: 28/04/2015.

7-Confederação Brasileira de Futsal de Salão. Disponível em: <<http://www.cbfs.com.br>> Acesso em: 28/04/2015.

8-Craig, C.L.; Marshall, A.L.; Sjostrom, M.; Bauman, A.E.; Booth, M.L.; Ainsworth, B.E. et al. International physical activity questionnaire: 12-country reliability and validity. *Medicine & Science In Sports & Exercise*. Vol. 195. Núm. 9131/03. 2003. p. 1381-95.

9-Cunha, G.B.; Mesquita, I.M.R.; Rosado, A.F.B.; Sousa, T. Pereira, P. Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de futebol em função de sua experiência e nível de formação. *Motriz*. Rio Claro. Vol. 16. Núm. 4. 2010. p. 931-941.

10-Ferreira, H.J.; Salles, J. G. C.; Mourão, L.; Moreno, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Movimento*. Vol. 19. Núm. 3. 2013. p. 103-124.

11-Fernandes, J.P.C.; Moura, D. L. Antunes, M. M.; Lima, R. L. Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro. *Esporte e Sociedade*. Vol. 8. Núm. 22. 2013.

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

12-Maria, T.S.; Almeida, A.G.; Arruda, M. Futsal: treinamento de alto rendimento. São Paulo. Phorte. 2009. p. 21.

13-Marturelli Junior, M. A organização do trabalho de treinadores de futebol: estratégias de ação e produtividade de equipes profissionais. Dissertação de Mestrado. UFSC. Santa Catarina. 2002.

14-Oliveira G.; Sherem E.H.L.; Tubino M.J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 16. Núm. 2. 2008. p. 125-133.

15-Resende, R.; Mesquita, I.; Romero J. F. Caracterização e representação dos treinadores a certa da formação de treinadores de Voleibol em Portugal. Efdeportes Revista Digital. Ano 12. Núm. 112. 2007.

16-Rigotti, S. R. Perfil dos treinadores de goleiro dos clubes de futebol da série "A1" do Campeonato Catarinense de 2005. TCC. Udesc. Santa Catarina. 2006.

17-Sanches V. A.; Borim J. M. História e evolução do futebol feminino no Brasil e no Paraná. EFDeportes.com. Revista Digital. Buenos Aires. Ano. 15. Núm. 149. 2010.

18-Talamoni, G. A. A trajetória de treinadores de futebol campeões brasileiros: análise das implicações da formação na atuação profissional. Dissertação de Mestrado. Unesp. Rio Claro. 2013.

19-Terroso H.; Pinheiro V. Ser treinador de jovens. Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto. Vol. 1. Núm. 1. 2010. p. 68-81.

20-Wright, T.; Trudel, P.; Culver, D. Learning how to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. Physical Education and Sport Pedagogy. Vol. 12. Núm. 2. 2007. p. 127-144.

E-mail dos autores:

[lakinhavargas@hotmail.com](mailto:lakinhavargas@hotmail.com)  
[caputoeduardo@yahoo.com.br](mailto:caputoeduardo@yahoo.com.br)  
[cozzensa@terra.com.br](mailto:cozzensa@terra.com.br)

Endereço para correspondência:

Eduardo Lucia Caputo.  
 Endereço: R. Luís de Camões, 625 - Três Vendas, Pelotas, RS.  
 CEP: 96055-630.

Recebido para publicação em 25/05/2016  
 Aceito em 22/09/2016